19º Encontro Conversando sobre Extensão (CONEX) e 4º EAEX - Encontro Anual de Extensão (EAEX)

Resumo Expandido Modalidade A: "Apresentação de programas, projetos, ações, atividades e pesquisas advindas da extensão universitária"

ÁREA TEMÁTICA: (marque a área temática correspondente ao trabalho que foi indicado no momento da inscrição)

( ) COMUNICAÇÃO

( ) CULTURA

( ) DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA

(X) EDUCAÇÃO

( ) MEIO AMBIENTE

( ) SAÚDE

( ) TECNOLOGIA E PRODUÇÃO

( ) TRABALHO

EXPERIÊNCIAS DE PALESTRAS SOBRE A CULTURA INDÍGENA NAS ESCOLAS

Alexandre Kuaray de Quadros (UEPG)[1]

Regina Aparecida Kosi dos Santos (UEPG)[2]

Ligia Paula Couto (UEPG)[3]

Resumo: Com a demanda sobre a lei 11.645/08 que torna obrigatória a temática indígena nos currículos escolares, tornou-se complicado aos professores falar sobre a temática, já que a academia dificilmente trabalha sobre esse conceito nos processos de formação docente, abrindo então portas para nós, alunos indígenas, adentramos os espaços escolares para problematizar a questão. No entanto, muitas vezes, fazer isso é difícil até mesmo para nós, mas entendemos que ganhamos grandes experiências. Quando se trata de convite para darmos palestra sobre a cultura indígena nas escolas, encontramos algumas dificuldades, pois os professores geralmente tratam a cultura indígena como se fosse uma lenda, ou ainda, como uma única cultura, sendo que no Brasil temos mais ou menos 225 etnias diferentes e mais de185 línguas faladas, cada língua e cultura sendo diferente uma da outra. Sobre essa diversidade indígena, muitos professores não sabem, porque o livro didático raramente aborda o assunto, então é difícil a compreensão dos próprios dos alunos, principalmente quando são alunos das séries iniciais. Nossas palestras, portanto, atingem resultados no sentido de combater preconceitos, estereótipos e de problematizar os conteúdos que aparecem e os que deixam de aparecer nos livros didáticos e outros materiais escolares.

Palavras-chave: Lei 11.645/08. Cultura Indígena. Educação.

[1] Membro do Coletivo de Estudos e Ações Indígenas (CEAI), indígena, mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem na UEPG. alexandre25passos@gmail.com.

[2] Membra do Coletivo de Estudos e Ações Indígenas (CEAI), indígena, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem na UEPG. 0608pdd@gmail.com.

[3] Supervisora do projeto. Departamento de Estudos da Linguagem. ligiacouto@uepg.br.

NOME DO PROGRAMA OU PROJETO

Saberes outros: Estudos e ações indígenas 2ª edição.

PROJETOS VINCULADOS

Vinculado ao Programa de Extensão Laboratório de Estudos do Texto (LET).

PÚBLICO-ALVO

Professores não indígenas, em formação inicial ou continuada das escolas participantes. De forma indireta, alunos das escolas não indígenas participantes.

MUNICÍPIOS ATINGIDOS

Município de Ponta Grossa e outros municípios em que haja terras indígenas (Mangueirinha, Cândido de Abreu, Ortigueira etc.).

LOCAL DE EXECUÇÃO

Escola Élo Sagrado de Carambeí, Marista, Caic, Escola Municipal Kamal, Instituto Federal de Telêmaco Borba, Escola Luterana de Imbituva, Colégio Estadual Polivalente, Colégio Pequeno Príncipe, Colégio Julia Wanderlei de Carambeí, Unicesumar, UTFPR, Escola Amadeu Pupe, Colégio Nossa Senhora Das Graças, Escola M. Zahira, Caminhos de Saber, Cmei Anísio Teixeira, UEPG (Cursos de Artes e História).

JUSTIFICATIVA

Esse projeto se justifica pelo fato de que, ainda atualmente, a versão "oficial" da história do Brasil e da América Latina, que prevalece em livros didáticos, é contada a partir do ponto de vista do colonizador. Diferentemente da ideologia que se tentou implantar no México, de que todos são mestiços, "no Brasil, a política de genocídio dos povos indígenas, aliada à política de branqueamento da população afrodescendente gerou uma outra narrativa nacional, na tentativa de se forjar a imagem de um país que se queria (ou que alguém queria) "todo branco e católico", ideologia essa até hoje muito presente e no imaginário" (GOMES, 2012, p. 10). Dessa forma, a presença indígena na história do nosso país é relegada à época do

descobrimento e invisibilizada nos dias atuais, o que inclui a invisibilidade da cultura indígena, concebida como "outra cultura", que mesmo sendo considerada outra, quando conhecida, "revela muito sobre a 'nossa cultura'", as quais estão em constante interação, razão pela qual, segundo "Raimon Panikkar [...] seria o único modo de conhecer as culturas [realizando] um diálogo intercultural" (apud GOMES, 2012, p. 12, grifos da autora).

Em termos de políticas linguístico-educacionais, as voltadas às comunidades de línguas/culturas minoritárias alternaram "momentos de indiferença e de imposição severa de medidas prescritivas e proscritivas" (CAVALCANTI, 1999, p. 4). No século XVIII, por exemplo, o Marquês de Pombal, através do Diretório dos Índios (1758), estabeleceu que a única língua que podia ser falada era o português. Na sequência, o processo de imposição da língua portuguesa como única foi ratificado pela chamada política de nacionalização do ensino, implementada a partir de 1938, pelo governo do Estado Novo, de Getúlio Vargas, que fechou escolas e proibiu o uso de línguas indígenas bem como das línguas de imigrantes, principalmente alemão e italiano.

Como resultado desses processos, a língua portuguesa e a cultura eurocêntrica substituíram as outras línguas que eram faladas e culturas presentes no país por força de lei e também "de mecanismos sociais que ganharam força com a evolução dos meios de comunicação de massa, o processo acentuado de urbanização e, consequentemente, a penetração maior do português através de elementos exógenos" (CAVALCANTI, 1999, p. 6). Desse modo, justificamos este projeto considerando a importância de, a partir da realização de um levantamento do que se tem feito (que ainda é desconhecido) em termos de políticas linguístico-educacionais, no que diz respeito a pedagogias "outras", que tratam de línguas e culturas minoritárias aqui presentes a partir de um referencial teórico que se sustenta nos trabalhos de intelectuais indígenas, como Inácio (2010) e Benites (2012), sendo que a primeira trata da pedagogia Kaingang e o segundo, da pedagogia Guarani.

OBJETIVOS

Este trabalho tem como objetivo discutir as palestras desenvolvidas no projeto para apresentar a temática indígena em espaços escolares, combatendo o colonialismo,

desconstruindo a história que os livros didáticos trazem e mostrando as variadas etnias e línguas existentes no Brasil.

METODOLOGIA

Primeiramente, o trabalho começa a partir do momento em que somos convidados a um determinado colégio. Então, se inicia a preparação dos materiais que serão utilizados, geralmente são imagens em slides. Mas, antes de serem apresentadas as imagens, fazemos uma explanação sobre a História indígena no Brasil, sempre fazendo o possível para tirar da cabeça dos alunos e também dos professores aquela ideia que o indígena é atrasado. Também falamos sobre as palavras que são consideradas preconceituosas, falamos das várias etnias existentes no território brasileiro, as diferentes culturas, sempre combatendo a ideia de descobrimento e reforçando que o que realmente ocorreu foi uma invasão. Além disso, levamos os artesanatos indígenas.

RESULTADOS

Sempre que vamos a escolas, os professores já trabalharam a temática indígena através dos livros didáticos, mas isso para eles não é o suficiente, então nos convidam para falarmos da nossa cultura para os alunos. Os resultados das palestras, para nós, são positivos. Por parte dos professores, ao conversarmos depois com eles, vemos muitas surpresas, muitas vezes corrigindo suas próprias palavras. Por parte dos alunos, muitos nos procuram depois para tirarem suas dúvidas, pois duas aulas de 50 minutos é muito pouco para falar sobre a temática indígena.

Outro fator importante mencionar aqui é o preconceito existente contra os povos indígenas com relação a nossa cultura, muitas vezes somos chamados de vagabundos. Isso acontece porque, até então, somos acostumados a uma divisão de trabalho que nos foi imposta pelo capitalismo, tornando assim a divisão de trabalho indígena incompreendida e sem validade para os não indígenas. Mas, nessas palestras, mostramos as diferenças de divisão de trabalho, a forma de sobrevivência dos indígenas, que não vivemos uma vida de vagabundagem, como somos conhecidos no Brasil inteiro, e essa falta de conhecimento acaba gerando o preconceito. As palestras são tão positivas que acabamos retornando novamente a alguns colégios a pedidos de professores. Com a demanda muito grande antes da pandemia, e

como não dizer em meio à pandemia, vemos a necessidade de ter mais indígenas formados na educação, para juntos quebrarmos esse paradigma que foi imposto a nós, indígenas, o indígena atrasado e selvagem que atrapalha o progresso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desses trabalhos realizados em escolas, sempre saímos com ótimos resultados das conversas, até aqui podemos observar grande valia para nós, indígenas, tanto para professores quanto para alunos, pois essas escolas têm interesse em saber mais sobre a cultura indígena. Esperamos que esses professores levem essa aprendizagem para sala de aula como uma lição, entendendo que no Brasil não existe uma única cultura, língua no que diz respeito a indígenas.

Além disso, vendo a falta de conhecimento por grande parte dos professores não indígenas, defendemos que existam cursos de capacitação que instruam os professores para assim conseguirem atender a demanda que é pedida pela lei 11.645/08. Para que quem sabe assim haja menos preconceito contra os povos indígenas no futuro.

Por fim, o que nos falta é mais material para compor esse trabalho, mas o importante é que estamos cada vez mais avançando com aquilo que planejamos antes de ir às escolas como, por exemplo, mostramos a realidade da cultura indígena, não aquilo que vemos em livros didáticos, aquele índio do passado, sem avanço.

APOIO

Bolsa CAPES para pós-graduando e pós-graduanda.

REFERÊNCIAS

BENITES, T.A escola na ótica dos Ava Kaiowá impactos e interpretações indígenas. 1. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012. v. 500. 120p.

CAVALCANTI, Marilda C. Studies on bilingual education and schooling in Brazilian contexts of linguistic minorities.DELTA, São Paulo, v. 15, n. spe, 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300015&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 Mar 2007.

GOMES, Ana Maria Rabelo. Prólogo. In: PALADINO, Mariana; CZARNY, Gabriela.Povos indígenas e escolarização: Discussões para se repensar novas epistemes nas sociedades latino-americanas. Rio de janeiro: Garamond, 2012.

FERRAZ, R. Pereira Cultura indígena: Racismo, Preconceito e suas Implicações na Educação.